



BO
RA
NA
VA
LH
AR



EDITORIAL

“Quem escreve, quem lida com esses objetos cortantes, é navalhista.” Abrimos com essa sentença retirada da 1ª edição para falarmos sobre a mudança no título. Como sabem, o primeiro volume saiu como *Revista O Navalhista*. Esse “O Navalhista” aparece antes da ideia da revista, mais como um projeto pessoal, quase um cognome. Acontece que agora o projeto é coletivo. Esse artigo “O” torna-se desnecessário. A revista é formada por navalhistas, pessoas que escrevem. *Revista Navalhista*. E ponto. Mudaremos sempre que necessário.

Abrimos nossa 2ª edição com as 5 navalhadas de Conceição Rodrigues. 5 perguntas. 5 respostas. Espírito livre e sagaz. Irônico e letal. Não muito diferente de Felipe Fernandes F. Cardoso, que fecha a edição com uma entrevista mais longa, digna dos mesmos adjetivos. Falamos sobre o seu *Sem mim não há dia*, além de *Uma tragédia latino-sertaneja*, que também está sendo editado pela Editora Urutau. Nosso segundo volume conta com homenagem a Hilda Hilst, por Catia Cernov; Luara Fontes e seu oráculo/manifesto poético; o realismo mágico e sutil de Christi Rochetô; as navalhadas exemplares em forma de ensaio, por Rosana Pugina. E muito mais. 22 navalhistas tocando nosso mantra-refrão: “palavras são navalhas”.

No mais, bora navalhar. Poucas palavras. Vamos às navalhas.

O Editor

SUMÁRIO

Editorial.....3

5 NAVALHADAS

Conceição Rodrigues6

VERSIONAVALHA

Catia Cernov.....8

Luara Fontes10

Artur Fernando11

Adele Catarina.....13

Lili Tosta.....14

Marcelino Rodrigues Cutrim.....16

Ana Luz18

Rodrigo Pinto19

Ana Márcia Diógenes.....21

Gustavo Aragão Cardoso.....22

Yorran Montenegro.....23

TRADUZIRNAVALHA

Anna Świrszczyńska [Lucas M. Borges]..25

Michel Houellebecq [Aliedson Lima].....27

L-F. Céline [Amanda Fievet Marques].....28

PROSANAVALHA

Christi Rochetô32

Nelson Job34

Rosana Pugina38

Thiago Sobral42

Bruno Inácio44

Luiz Reis46

ENTRENAVALHA

Fellipe Fernandes F. Cardoso.....50

Editor

Aliedson Lima

Arte da capa

Egon Schiele

Diagramação e projeto gráfico

Aliedson Lima

revistaonavalhista@2024

todos os direitos reservados

Redes:

@revistanavalhista

www.revistaonavalhista.com

“

PA

LA

VRAS

SÃO

NA

VA

LHAS

Belchior



5NA

V

LHA

DAS

CONCEIÇÃO RODRIGUES

1. Imagine que acabaram de lançar uma biografia sobre você. Qual é o título? Apresente a sinopse.

A mulher da sete saias, uma mulher cáustica:

mulher de fogo
das chamas altas
e cinzas
combate na guerra
em que as flores e carnes explodem no ar
sai todas as manhãs de
lança e espada nas saias
e algibeira
não há chance alguma de
vitória
essa é a graça

2. Indique dois/duas navalhistas que não podemos esquecer. São duas pessoas que escrevem: uma que já se foi e sua obra não teve a devida atenção que merece, a segunda uma pessoa que escreve em nossos dias e devemos ficar de olho.

Fernando Pessoa é o homem da minha vida na literatura, e o Livro do Desassossego é meu refúgio. Paulo André Souza, do Recife, tem uma escrita que me instiga, que é pop, moderna, ao mesmo tempo em que é vanguarda, que conhece bem as técnicas literárias e que usa esse saber para a contravenção. Se houver justiça, ouviremos falar muito dele.

3. O que podemos esperar de sua literatura?

Rebeldia, revolta, cinismo, tristeza, melancolia, ódio, desprezo, medo, coragem, amor.

4. Se a partir de hoje a vida te tirasse a possibilidade de fazer literatura, quem você seria?

Defunta.

5. Se você tivesse ciência de que estava escrevendo seu último texto, que mensagem você gostaria de deixar?

Jesus não voltará.

VER SON AVA LHA

Margaridas Incendiárias para Hilda Hilst

1.

Um mergulho-self na janela fechada

Ter medo

ter fome

ter vontade

ter medo de querer saber

das dobras de mim mesma

Abrir a carne com navalha

pra fazer vazar a luz

Depois suturar

sem anestésico

as vísceras

recheiar com pedras cozidas

com o melhor que tenho de escuro&bondade

Nada mais

Nada mais vai ter medo de mim

Só a mim pode o medo querer bem

e ceder teu poder

tua cara clarividência

Inauguro um monumento de marfim&mucosa

2.

E a Lealdade, Hilda?

A lealdade é uma utopia subdesenvolvida vendida nos camelôs de S. Petersburgo

São ofertadas em forma de pílulas

com rótulos cheio de anúncios de jovens sorridentes&falsos&bempagos

Prescreve a bula que devem ser ingeridas 3 cápsulas a cada 2 horas da pós-modernidade
É contra indicado aos alérgicos à bondade de espírito e aos intolerantes à justiça social

3.

Hoje

escondo minhas pérolas dos porcos, Hilda!

Escrevo um apocalipse

como um bilhete de despedida

Não tenha fé

apenas coragem

boa velocidade

e uma boa dose de Vermuth

Sabe essa nossa vontade de ter e ser?

É tudo petróleo do futuro, menina Hilda!

Aprendi amar

teu holograma

e todos os pixels que compõem tua paisagem

tuas pupilas

e o mapa metafísico

de tua bondade e descarada pornô legalidade

A polícia do pensamento muito pouco dorme

LUARA FONTES

haveremos de escrever juntos artigos sobre enciclopédias
e haveremos depois de apresentá-los juntos em congressos sobre enciclopédias

haveremos de escrever poesia sobre os nossos cabelos ou as nossas unhas
e haveremos depois de cheirar profundamente os nossos cabelos e de varrermos as nossas unhas

haveremos de encontrar sempre e muitas coincidências e haveremos de adorá-las e de contá-las com os olhos do encontro
e haveremos depois de defender a casa e a predestinação

haveremos de rir de nossos desejos
e haveremos depois de defender o imprevisível

haveremos de confundir a nossa intuição e o nosso medo
e haveremos depois de explodir.

ARTUR FERNANDO

Dez do oito

Natal solene em terreno escuro,
[furioso
O capinzal ralo e pontas brancas
[cintilantes

Sobe à lampião, queimando as águas dos rios
Das praias, quebradas, o laranjal, o amarelo,
[a espuma
Ondas rebentam nas popas e o mato estala
[em vida

Nascido, o tempo é vêrdego, pendente a azular
Quando o claro corre, dói a pele do cidadão que
[beira os pastos

O boi braveja por correr no capinzal
Pássaros cortam o azul em anil, índigo,
[eclesiástico
Abrem-se os lotes. Pernas, correias, rodas e
[patas
Tatuam as praças, os morros, os mangues

Sangue jorra incurável da ferida do cidadão
Amor demais segue os amargurados
E o boiadeiro sorri com o postear da via

Em poste em poste o mundo caleja
Corrosões de bombas, erupções
[vulcânicas
Tectonicamente ativa, sempre ativa

Lanterna da vida tropicosa nos bélicos do Sul
Agora agoura outra vida que então latente,
[dormia

Mas aqui morre sozinho caindo na água
Fervendo o espírito do cantador
Tão breve, sentido, implacável

Quem sofre e quem luta, quem dorme e usurpa
Observa a queimada cessando a dor

O quente é pra todos, o laranja, o verde, o azul

Também é o pranto, o escuro, o encanto
De viver em um canto esquecido por tanto
Ativo, ativo e, portanto... Aracaju.

ADELE CATARINA

Revolução

As flores, os pássaros e os tráfegos
Barram a entrada
Da estranha sorte no nevoeiro
Embaçado pelas luzes ofegantes do seio da terra
Impedem a saída dos gritos suplicantes
E dos olhares ilustrados
“Somos fortes” dizem uns
Que regem pela força da bala e do aço
“Somos unos” dizem outros
Que não sabem onde encontrar a alma viva
Do pequeno astro esvoaçante

LILI TOSTA

.mas eles se recusam a ir

medo eu tenho
de levar uma surra
de que ele me bata
com a sua dura vara
pois, suficientemente dura
.já é a vida

que ávida me consome
me engole

como
um urubu
que carniça fresca no pasto
acabou de comprar
porque o capitalismo
que solto come
faz até o urubu
pela carniça
.pagar

e eu, que pago para a minha vida
em paz
tentar viver
e muitas vezes falho
miseravelmente
.sem conseguir entender

então que vá pra puta
que pariu

porque uma puta que pare
pare um mundo
pare um ser
.que o homem sente vontade de comer

mas o urubu não deixa
não

.não

porque ele guarda as putas
.e come os homens

que assim como em mim
,com as suas duras varas
também desejo eles sentem
.de bater no urubu

que me protege
me acompanha
e não deixa que
nada
de ruim
penetre a grande puta que eu soul
e que sempre está a parir
poemas
artes
.e loucuras

pois estes são os seres
que as putas parem
.e que os homens passam vontade de comer

.porque, suficiente, para eles, nunca é
e quanto mais desejo os homens sentem
mais as putas parem
e mais cansados ficam os urubus
que têm vontade
de mandar os homens
.para a puta que pariu

.mas eles se recusam a ir

MARCELINO RODRIGUES CUTRIM

A causa de tudo

Deus anda arreliado.
A cada clamor, uma esculhambação:
"Vão se... Não, não vão, não;
por amor a mim".
E se vira de lado, volta a dormir.
Não nos suporta mais, coitado.

Ele colocou no mundo duas gentes
mas se especializaram seus descendentes
em trepar e trepar.
Guerrear e mais trepar.
Resultado: um mundo inchado,
caindo pelas tabelas de tanto ser humano.
Muito barulho, muita zoadá.
E Jeová se cansou.

De começo, andava por este planeta
bem perto de todos.
Era mais fácil pra Ele, então,
escutar nossas súplicas
(cearenses ou não).

Mas 1945 fora decisivo,
o fim da picada.
Nunca houvera ouvido
tão estupenda explosão,
um barulho infernal e seu cegante clarão.

Por isso alçou voo e picou a mula
Foi parar na última das últimas esferas de nosso universo.
Deve estar tentando não escutar
tantas lamúrias, tantos maldizeres,
em algum buraco negro
- que Ele (cabra bom!)
também gosta de um buraco.

Enquanto clamam vozes nos desertos,
nas matas, nas civilizações,
Babel inacabada
a terra gira sobre seu dedo de cestinha celestial:
não quer mais saber de seriedades.

Tanto que, se tamanho balanço
não desfizesse os eixos de rotação,
abrindo fendas, desregrando águas e ventos,
certamente Deus nos daria uma bicicleta
como a de Zico em oitenta e dois,
na Copa do Mundo da Espanha.

Daria uma bicicleta neste corpo celeste e
cal ma men te
iria dormir numa galáxia ainda não descoberta.

Mas Javé lembra das criancinhas...
“Por que eles fodem tanto?”
Muito cansado
- lá se vão milênios sobre sua cangalha -,
apenas aguenta os humanos:
“Deveria tê-los deixado na condição de amebas:
assassinas
mas silenciosas.”

Do contra

Poderia amar como se nenhum mal houvera,
Mas não crê.

Poderia desabrochar numa eterna primavera,
Mas não reza.

Poderia transcender com um grão de crença,
Mas teima.

RODRIGO PINTO

O olhar saboroso

1.

certa vez
vi uma capivara translúcida
na beira do rio vago
e me alumbrei

mas coisas assim
à margem do meu Capibaribe
no Recife
não são meros acasos

lá a lua costura flamboyants na noite
capivaras translúcidas pairam
como fantasmas de água
em murmúrios de prata

2.

meu olhar comprido
é súplica silenciosa
para que as vozes do rio cantem
sobre cirurgiões pálidos
cortando as pontes
com sabres de láudano

3.

na garganta do subúrbio
o mangue ecoa longes
moagens de canas ancestrais
um bueiro dispara
estrelas cadentes
e a caneta do poeta
sangra tinta azul
escrevendo versos doentes
sobre uma menina morta
no Pátio de Santa Cruz

4.

as capivaras
especialmente as translúcidas
são espectros de serenidade

o rio é um palco
que encena a peça eterna
dos afogados que sonham com regatas

e o tempo é feito ferrugem
que dá nas carnes nos nervos nos ossos
e até nas nuvens

ANA MÁRCIA DIÓGENES

Transições

O vento dos anos
levou palavras
que nunca
escreverei de novo

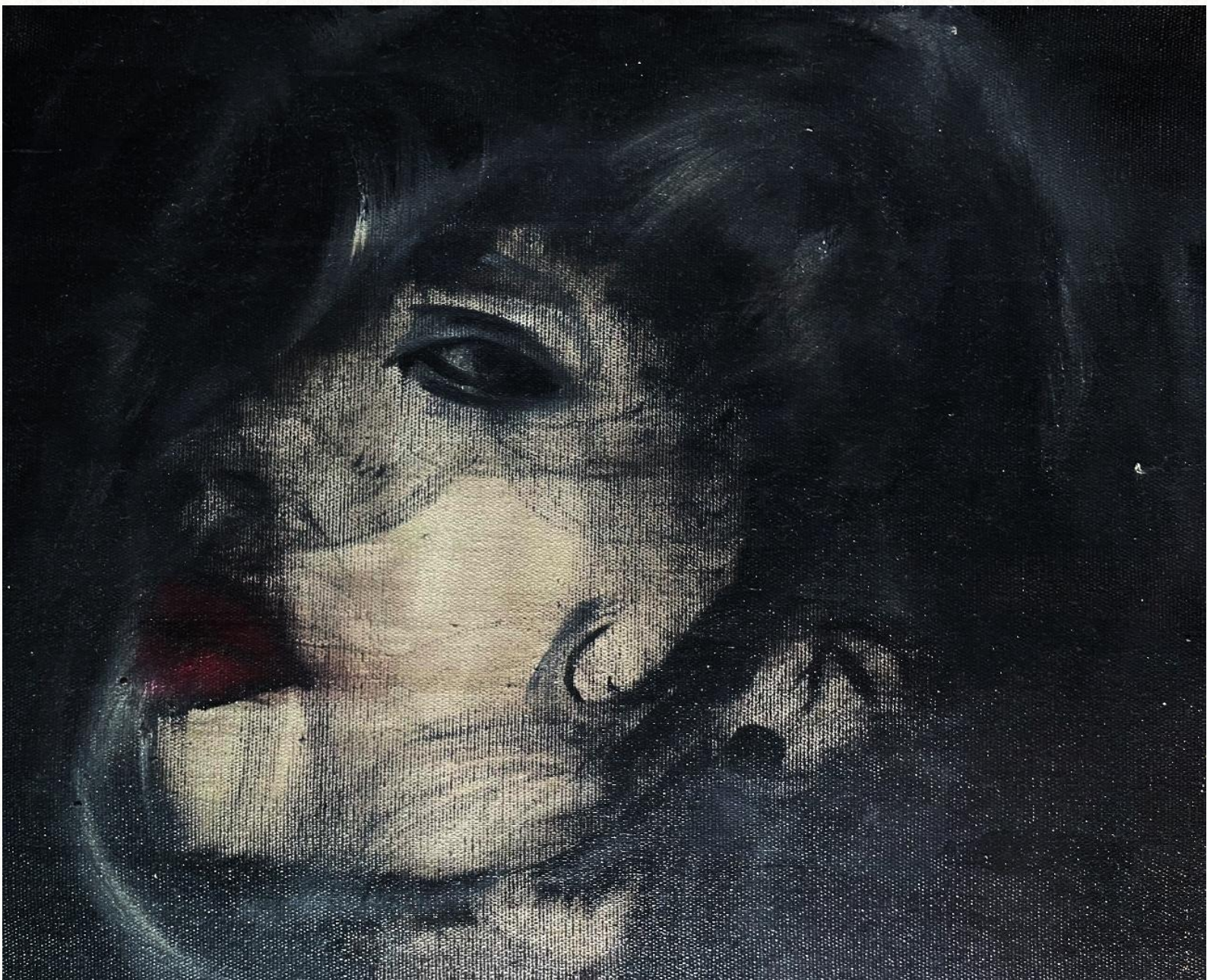
contratos desfeitos
sentidos borrados
apagou letras a lápis
cravou a caneta

GUSTAVO ARAGÃO CARDOSO

Morte

a morte é o mistério
em navalha transfigurado
que ceifa
a vida
abrindo um abismo no t
e
m
p
o,
preenchido de saudades.

YORRAN MONTENEGRO



[A cor dos lábios dela, 2017]

The background of the entire image is a repeating pattern of stylized quills and feathers in a dark teal color. The quills are arranged in a grid-like fashion, with some feathers interspersed between them.

TRAD

DUZI

RNAV

ALHA

ANNA ŚWIRSZCZYŃSKA por LUCAS M. BORGES

Dzień stworzenia

*Drzewo wspaniałe, drzewo zielone,
pełne balasu i klejnotów.
Błogosławione drzewo błyszczące,
drzewo ludzkiego rodzaju.
Na gałęziach
siedzi dwunastu krzyżujących proroków,
rude młodzieńcze Sybille
przytrzymują na potężnych kolanach
ksiegi; ich karty
odwracają się same
wśród słońca i przeraźliwości.
Oto nadchodzi dzień pański mocny,
walny jak piorun,
bystry jak ukrop.
W ten dzień
wśród uprzejmego migotania aniołów
Jahwe urodził świat.
Jakże łagodne są
spojrzenia pierwszych ludzi,
tych, co ze zbytnią powagą
słuchają zdrowego śmiechu serafi nów
i ostrożnie
uczą się oddychać powietrzem i czasem.
Z drzewa zwisają liście
i promienne pięty proroków.
Podnieście głowy.
To gwiżdże wiatr
w dorodnych księgach sybillińskich
i burzy wam włosy,
starannie utrefi one fryzury
oszolomionych oblubińców.
Jakże bezradne są
spojrzenia pierwszych ludzi.
Tych, co z sztywnymi girlandami,
w świątecznie prasowanych sukniach
przechodzą pod drzewem rodzaju.
Nie rozumieją niczego,*

Dia da Criação

Árvore prodigiosa, árvore verde,
repleta de ruídos e joias.
Árvore bendita e radiante,
árvore da humanidade.
Nos galhos,
sentam doze profetas gritando,
as jovens sibilas ruivas
seguram com enérgicos joelhos
os livros; suas páginas
se viram sozinhas
entre o sol e o tremor.
Chega o dia forte do Senhor,
firme como um raio,
rápido como febre.
Nesse dia,
entre o cintilar cortês dos anjos,
Javé gerou o mundo.
Quão suaves são
os olhares dos primeiros humanos,
aqueles que com seriedade excessiva
ouvem a risada robusta dos serafins
e cuidadosamente
aprendem a respirar o ar e o tempo.
Das árvores pendem folhas
e os pés radiosos dos profetas.
Levantem suas cabeças.
O vento grita
nos vigorosos livros das sibilas
e bagunça seus cabelos,
arrumados com cuidado,
as noivas atordoadas.
Quão impotentes são
os olhares dos primeiros humanos.
Aqueles que, com grinaldas rígidas,
em vestidos passados com cuidado,
passam sob a árvore da humanidade.
Não entendem nada,

*nie słyszą; nawet wtedy,
gdy wyjdą z kręgu przytulnego bezpieczeństwa,
z gwarne go cienia okrągłych liści i uciszeni,
głową na dół, w zwolnionym tempie —
zaciekają w wieczność.*

não ouvem; até mesmo quando
saem do círculo acolhedor,
da sombra ruidosa das folhas redondas e silenciadas,
de cabeça para baixo, em câmera lenta —
ficam presos na eternidade.

MICHEL HOUELLEBECQ¹ por ALIEDSON LIMA

*Par la mort du plus pur
Toute joie est invalidée
La poitrine est comme évidée,
Et l'oeil en tout connaît l'obscur.*

*Il faut quelques secondes
Pour effacer un monde.*

Pela morte do mais puro
Qualquer alegria é anulada
O peito parece oco,
O olho é todo escuridão.

É preciso poucos segundos
Para aniquilar um mundo.

¹ Michel Houellebecq, *Configuration du dernier rivage* (Flammarion, 2013).

LOUIS-FERDINAND CÉLINE traduzido por AMANDA FIEVET MARQUES

Duas cartas de Louis-Ferdinand Céline

I. Carta a Gaston Gallimard, pouco antes de 14 de abril de 1932, acompanhando o manuscrito do romance *Viagem ao fim da noite*.²

Monsieur,

Je vous remets mon manuscrit du **Voyage au bout de la nuit** (5 ans de boulot).

Je vous serais particulièrement obligé de me faire savoir le plus tôt possible si vous êtes désireux de l'éditer et dans quelles conditions. Vous me demandez de vous donner un résumé de ce livre. C'est un bizarre effort en vérité auquel vous me soumettez et jamais je n'y avais encore songé.

C'est le moment me direz-vous. Je ne sais trop pourquoi mais je m'y sens tout à fait inhabile. (Un peu l'impression des plongeurs au cinéma qu'on voit rejaillir de l'eau jusqu'à l'estacade...) Je vais m'y essayer toutefois, mais sans manières. Je ne crois pas que mon résumé vous donnera grand goût pour l'ouvrage.

En fait ce « Voyage au Bout de la nuit » est un récit romancé, dans une forme assez singulière et dont je ne vois pas beaucoup d'exemples dans la littérature en général. Je ne l'ai pas voulu ainsi. C'est ainsi. Il s'agit d'une manière de symphonie littéraire, émotive, plutôt que d'un véritable roman.

L'écueil du genre c'est l'ennui. Je ne crois pas que mon machin soit ennuyeux. Au point de vue émotif ce récit est assez voisin de ce qu'on obtient ou devrait obtenir avec de la musique. Cela se tient sans cesse aux confins des émotions et des mots, des représentations précises, sauf aux moments d'accents, eux impitoyablement précis. D'où quantité de diversions qui entrent peu à peu dans le thème et le font chanter finalement comme en composition musicale. Tout cela demeure fort prétentieux et mieux que ridicule si le travail est raté. À vous d'en juger. Pour moi c'est réussi.

C'est ainsi que je sens les gens et les choses. Tant pis pour eux. L'intrigue est à la fois complexe et simplette. Elle appartient aussi au genre Opéra. (Ce n'est pas une référence !) C'est de la grande fresque, du populisme lyrique, du communisme avec une âme, coquin donc, vivant. Le récit commence Place Clichy, au début de la guerre, et finit quinze ans plus tard à la fête de Clichy. 700 pages de voyages à travers le monde, les hommes et la nuit, et l'amour, l'amour surtout que je traque, abîme, et qui ressort de là, pénible, dégonflé, vaincu...

Du crime, du délire, du dostoïevskysme, il y a de tout dans mon machin, pour s'instruire et pour s'amuser. Je ne voudrais pour rien au monde que ce sujet me soye soufflé. C'est du pain pour un siècle entier de littérature. C'est le prix Goncourt 1932 dans un fauteuil pour l'Heureux éditeur qui saura retenir cette œuvre sans pareille, ce moment capital de la nature humaine...

Avec mes meilleurs sentiments,
Louis Destouches

² (Céline, *Lettres*, collection Bibliothèque de la Pléiade, 2009, pp. 306-308)

Senhor,

Eu lhe confio meu manuscrito do *Viagem ao fim da noite* (5 anos de trabalho).

Eu lhe seria particularmente grato por me informar o quanto antes se você deseja editá-lo e em quais condições. Você me pede para lhe fazer um resumo desse livro. É um esforço bizarro, na verdade, ao qual você me submete e nunca antes eu havia pensado nisso.

É o momento me dirá você. Não sei bem por que, mas nisso me sinto totalmente inábil. (Um pouco a impressão dos mergulhadores no cinema que vemos ressurgir da água até a estacada...) Vou me esforçar todavia, mas sem rodeios. Não acho que meu resumo lhe dará grande gosto pela obra.

Com efeito, esse “Viagem ao fim da noite” é uma narrativa romanceada, numa forma bastante singular e da qual não vejo muitos exemplos na literatura em geral. Eu não o quis assim. É assim. Trata-se de um modo de sinfonia literária, emotiva, mais do que um verdadeiro romance.

O perigo do gênero é o tédio. Não acho que meu treco seja tedioso.

Do ponto de vista emotivo, essa narrativa é bastante vizinha do que se obtém ou se deveria obter com a música. Ela se mantém sem cessar nos confins das emoções e das palavras, das representações precisas, exceto nos momentos de ênfases, estes impiedosamente precisos. Onde a quantidade de diversões que entram pouco a pouco no tema e fazem cantar finalmente como na composição musical. Tudo isso soa bastante pretensioso e melhor que ridículo se o trabalho for malfeito. Cabe a você julgar. Para mim, deu certo.

É assim que sinto as pessoas e as coisas. Pior para elas. A intriga é ao mesmo tempo complexa e simplesinha. Ela também pertence ao gênero ópera. (Não é uma referência!) É um grande afresco, populismo lírico, comunismo com alma, serelepe portanto, vivaz. A narrativa começa na Praça Clichy, no começo da guerra, e termina quinze anos depois na festa de Clichy. 700 páginas de viagens pelo mundo, os homens e a noite, e o amor, o amor sobretudo que eu cerco, machuco, e que sai de lá, doído, abatido, vencido...

Crime, delírio, dostoievskismo, tem de tudo no meu treco, para se instruir e para se divertir. Eu não gostaria por nada nesse mundo que esse assunto me fosse sugerido. É um manjar para um século inteiro de literatura. É o prêmio Goncourt 1932 de mão beijada para o editor sortudo que souber reter essa obra inigualável, esse momento capital da natureza humana...

Com os meus melhores sentimentos,

Louis Destouches

II. Carta a Erika Irrgang, setembro de 1932

Paris, le 14 [septembre ?] 193[2]

Chère Erika –

Je suis content que vous passiez d'agréables vacances – ne vous fatiguez pas trop à Breslau (si possible). Votre travail actuel me paraît être absolument épuisant. Il faut se méfier. Ne pas faire trop souffrir son corps qui se venge plus tard du surmenage. Enfin on ne fait pas ce qu'on veut !

Je vais aller vous voir en Novembre – Et puis vous pourriez peut-être venir à Paris en mars ou avril passer chez moi quelques [sic] temps de repos. Qu'en pensez-vous ?

Vous êtes une bonne petite fille bien intéressante et bien courageuse. J'ai bien du mal ici de mon côté – Tout est très difficile. Le livre paraît au début d'octobre je vous en enverrai aussitôt un exemplaire. Mais vous savez la littérature c'est de la Mort. Ce qui retient en vie c'est seulement l'affection des êtres et des choses. Tout le reste n'est rien. Pendant que vous travaillez peut-être pouvez-vous chercher un emploi moins ennuyeux et pénible, secrétaire...

Bien affectueusement

Louis.³

Paris, 14 [setembro?] 193[2]

Cara Erika –

Estou contente que suas férias estejam agradáveis – não se canse demais em Breslau (se possível). Seu trabalho atual me parece ser absolutamente exaustivo. É preciso desconfiar. Não fazer sofrer demais seu corpo que se vingará mais tarde do esgotamento. Enfim, não fazemos o que queremos!

Irei te ver em novembro – E depois você poderá vir a Paris em março ou abril passar alguns tempos [sic] de repouso na minha casa. O que acha?

Você é uma boa mocinha bem interessante e bem corajosa. Estou me esforçando bastante, aqui, quanto a mim – Tudo é muito difícil. O livro aparece no começo de outubro, eu lhe enviarei em breve um exemplar. Mas você sabe, a literatura é a Morte. O que nos mantém vivos é apenas a afeição dos seres e das coisas. Todo o resto não é nada. Enquanto você trabalha talvez possa procurar um emprego menos entediante e chato, secretária...

Bem afetuosamente

Louis.

³ (Céline, *Lettres à des amis*, 1997, pp. 37-38)



PRO
SAN
AVA
LHA

CHRISTI ROCHETÔ

Ato de resignação [conto]

Os vivos são fantasmas ao avesso?

Da primeira vez que Antônio viu o fantasma do avô recém-falecido, achou que estava sonhando. Logo na manhã após o sepultamento, o finado entrou pela porta do quarto e foi direto acordar o rapaz, como fez a vida toda, puxando pelo pé — Acorda *Tônho*, se não a tarde te pega de cueca! Perdido de sua própria inexistência, o morto procurou o neto com medo da solidão de estar longe dos seus e ficou transitando aos tropeções entre a desarrumação do quarto do jovem. Apesar do susto, a ternura que Antônio tinha pelo velho superou a interpelação da morte e ele deixou que o fantasma ficasse por ali.

Como cabia à sua condição de fantasma colocar no lugar as coisas que deixou pendente quando morreu, ensinou pro neto o segredo do cofre esquecido num quartinho de quinquilharias e o incumbiu de espalhar sua herança de objetos sem valor entre a família: as fotos antigas, de gente que nem se lembravam mais quem era, foram pra viúva; as cédulas e moedas de dinheiro antigo recolhido há muitos anos, pra filha mais velha; a maleta com documentos desimportantes, notas fiscais de um antigo comércio fechado, documentos do primeiro carro, planta de uma casa nunca erigida, foram pra caçula; um chapéu antigo e desbotado ficou pra a empregada. Pro neto, ficaram os pentes de osso que estavam escondidos num compartimento secreto do cofre — Meu modo de pensar, agora é seu — disse-lhe o fantasma do avô muito tempo depois.

Os dias foram se acostumando com as novas proporções que a vida tomava com a presença do morto. Antônio saía muito e muitas vezes passava o dia inteiro fora. O avô permanecia sentado num canto, calado, mastigando coisas esquecidas. Não se dava ao trabalho nem de sair do quarto, olhar como a família se arranjava sem ele. Sabia que a vida deveria seguir e também não quis arriscar que alguém menos discreto fosse capaz de enxergá-lo. Saiu do quarto uma única vez que se lembrou de um bilhete no bolso de uma camisa que ele escondeu muito bem enquanto vivo. Tinha medo da viúva encontrar por acidente e sentisse mágoa dele. A mágoa dos vivos faz muito mal aos mortos, sobretudo aos penados. Mas não reconheceu mais os caminhos de dentro de casa, tudo mudara. Lutou muito até encontrar o seu antigo quarto e, quando conseguiu, nada mais de seu existia, além de alguns porta-retratos sobre o criado mudo. Por causa disso, ele evitou sair.

Antônio também teve que se acostumar com as histórias que o velho lhe contava todas as noites, de vidas anteriores. Falava principalmente das guerras em que lutara. Ele, seu avô, que nunca encostou numa arma lembrava de todas as guerras do mundo. Dizia que na guerra do Paraguai, morreu em sua primeira semana de soldado porque não gostava de quebrar a aba do chapéu pra cima como os outros faziam. um dia caiu na água do Paraná e a bosta da aba, molhada, lhe tapava a vista, nem viu de que lado veio o tiro. Dizia também que foi inconfidente nas Minas e, muito por vergonha por ter deixado Joaquim José morrer sozinho, roubou a cabeça

decepada dele, exposta em praça pública, pra que tivesse um fim melhor do que aquele de apodrecer aos olhos daquela gente ingrata.

— Onde está meu cadáver? — perguntou certa noite ao neto.

— No cemitério. — respondeu Antônio como se isso bastasse.

Foi quando velho, saiu pela segunda vez do quarto. Não voltou mais naquela noite nem na seguinte. Antônio, sem perceber o quanto isso era tolo pois o avô estava morto afinal, quase não dormiu de preocupação.

Três dias depois, sentiu o toque do velho no dedão do pé: — Acorda Tônho, a noite não chega enquanto não estiver todo mundo acordado! — Parecia ainda mais velho e triste, seu aspecto era borrachudo, sua pele assumia um tom escuro e seus olhos ficaram opacos e cinzas. Na conversa entrecortada na horta de dormir, entre uma ou outra guerra mundial, descobriu que ele fora ao cemitério e encarou a putrefação da sua própria matéria. Ele também — a essência — agora estava se decompondo. Desde então, o velho evitava o espelho do quarto e também a janela, não queria se ver de novo como se vira na cova e temia que os urubus percebessem o cheiro da podridão e viessem tentar devorar seu ectoplasma.

O velho agora gritava desesperado com delírios de que urubus imensos rompiam a laje da casa quebrando os cimentos e retorcendo os ferros com os bicos.

— Não os vê, Tônho? São imensos e magros! Estão só os ossos. É a fome. É a fome!

— gritava o velho. Antônio correu pra acudi-lo e só o acalmou quando o escondeu dentro do guarda-roupa, jurando que os urubus não o encontrariam lá dentro. Então ele nunca mais saiu.

Com o passar indiferente do tempo, Antônio por vezes se esquecia do avô dentro do guarda-roupa e sempre se assustava com o defunto, que agora mais se assemelhava a um personagem de filme *trash*, com as carnes se capengando dos ossos, escuras e ressequidas, o branco da testa exposto, os olhos escondidos em dois poços sombrios. Certos dias ele ainda ouvia, da porta do guarda-roupa, o avô contando-lhe as histórias de sempre, como se as contasse pra ninguém. Chegou um tempo em que ele teve de manter as portas sempre abertas, pois, estranhamente, o mofo cadavérico do fantasma estava se transferindo pra as roupas. Aquelas onde o velho havia estado sentado até então, ficaram de tal maneira emboloradas que tiveram de ser jogadas no lixo.

Agora, sempre que se deitava, Antônio tinha que ficar encarando um esqueleto de olhos infinitos o fitando de volta, um esqueleto imóvel e silenciosa. A novidade — o silêncio — o fazia sentir falta do avô. Não daquele esqueleto, do avô vivo.

Quando chegou agosto, uma ventania adentrou pela janela e espalhou o pó que sobrou do morto pela casa e tudo ficou coberto pelas cinzas, até um velho retrato do finado. Só então Antônio, que não havia derramado uma lágrima durante o enterro, conseguiu chorar de saudade.

Nadezas [conto]

O manifesto e o imanifesto são apenas o escabelo de seus pés.

Kabir



Nada.

Nada. Nada. Nada. Nada.

Desdobro-me. Existo. Apreendo a existência, plena, cheia de si mesma. Há uma tensão para sair de mim. Devo fazer isso? O que pode ocorrer?

Vislumbro possíveis:

Desdobro-me uma vez mais, me dobrando em outra instância. Consciência individual. Sensação de finitude. Vislumbro outros como eu. “Eu”, que coisa estranha. Tem algo aqui. Sentimento? Euforia! Os outros como eu me contornam, eu os contorno. Estão tão fascinados e... amedrontados quanto eu.

“O que é isso?” Apreendo isso em mim, como se fosse algo além de mim. Verifico que outro como eu está se manifestando mais intensamente comigo. Eu tento corresponder:

— Eu não sei. A existência, suponho.

Saem de mim coisas, palavras, *linguagem*.

“Mas por que *agora*?”

— A existência traz isso junto... *tempo*!

Nos contemplamos. Tensão e alegria, coisas novas.

“O que vem... *depois*?”

— Tenho uma... *sensação* que é preciso mais uma dobra.

“Eu também”.

Desdobramo-nos e dobra-nos. Muitos outros também o fazem.

Corpo. Chão. Quente. Toque. Batidas no... peito. Respiro ar. Contemplo o corpo do outro. Sinto um novo. Desejo. Encosto no outro. Saem coisas da visão: lágrimas. Contemplamos o infinito, deslumbrados. Algo em nós faz barulho. Incomoda: *fome*. Comemos algo no chão. Dói. Alguns de nós vomitam. Medo mais intenso. Algo com... *cores* fortes brotam da... *árvore*. Comemos. É bom. *Saciedade*.

Escuro, noite. Pontos brilhantes acima. Mais fome. Não sabemos como fazer. Onde está a... *luz*? De tanto medo, adormecemos, o que parece um retorno ao nada. Mas só parece.

Dia. Mais fome. Algo diferente se mostra ao longe. Sinto que podemos comê-lo. Ao chegar próximo a ele, somos mordidos. Dói. Um de nós tomba. Para sempre. Os demais retornam para as árvores, quebram um galho e afiam-no nas pedras. Esperamos. Atacamos. Ele sangra e para de respirar. Nós o comemos com sofreguidão. Assim passamos os dias, escondendo, atacando, comendo. Muitos perecem. Muitos brincam entre si. Alguns geram outros dentro nós em seus ventres e saem depois de muita dor. Eventuais... *mortes*.

Exploramos mais o mundo e entramos dentro de buracos nas montanhas, para fugir das águas do céu. Alguns de nós comem aquelas coisinhas que nascem em meio ao resto do mundo. Ficamos estranhos. Apreendemos tudo ao mesmo tempo, nos sentimos mais unidos que nunca e eufóricos. Luzes brilham no ar e as plantas conversam conosco mais intensamente. Ensinam misturas para melhorar nossas feridas. Um de nós, mais esperto, usando galhos queimados pela luz do céu, começa a raspá-lo dentro da montanha, fazendo formas, semelhantes a nós e às coisas que mordem. Ele e outros começam a ter sons mais elaborados a sair pela... boca. Nomeiam o mundo. Isso começa a separá-los de nós. Eles querem dar ordens e demandar obediência. Alguns de nós... desobedecem e são mortos. Os outros obedecem e eu me desligo do grupo, observando de longe. É dura a vida de solitário.

Eles recolhem galhos e folhas grandes e fazem cavernas-do-lado-de-fora. Eles aprendem a fazer a luz com galhos e coisas de doer e matar com pedras. Eles dançam e louvam ao sol. Brincam na cachoeira. Criam os filhos. Choram seus mortos.

Fazem instrumentos. Controlam as folhas, frutos e até árvores. As cavernas-de-fora tornam-se mais... complexas. Cavalgam bichos que mordem menos.

Compõem música. Juntam várias cavernas-de-fora. Param de andar e sentam, sentam cada vez mais. A linguagem começa a se separar das coisas. Isso é muito triste. Traz solidão. O sol é trocado por coisas invisíveis, muitas delas, como direi... são apenas faladas, não existem, mas muitos fingem acreditar.

As coisas ficam cada vez mais separadas. O “eu” tem agora proteções, camadas, que o separam do resto do mundo. Isso traz desconfiança e mais palavras e palavras diferentes que... *significam* a mesma coisa! Os outros se entristecem ainda mais.

Fazem coisas para andar sozinhas. Fazem coisas que ajudam a falar à distância. Fazem

coisas que voam. Tratam suas doenças com bolinhas coloridas que não curam de fato. Se matam com galhos feitos fora da árvore, que matam mais e depressa.

Quem domina instrumentos é respeitado e adorado. Umas folhas feitas fora das árvores são trocadas por coisas. Alguns fazem de tudo para acumular essas folhas, inclusive simular falsas verdades. O sol deixa de ser adorado em detrimento das tais folhas.

Com o tempo, as folhas são trocadas por algo parecido com pedras e cada vez mais poucos têm muitos deles e muitos têm poucos, alguns nenhum e são abandonados. Muitos de nós esquecem que trazem o fogo dentro de si e se tornam vazios. Os que ainda trazem o fogo ou são perseguidos ou aprendem a escondê-lo em si mesmos.

Poucos conseguem matar muitos de nós com instrumentos cada vez mais mortais. Alguns querem chegar à Lua. Primeiro mandam caixas de metal vazias e, depois, uma cachorrinha e, em seguida, alguns de nós, que voltam estranhos, isso quando voltam.

Percebo uma saudade em muitos de nós de quando começamos a existir. Uma *nostalgia*. Mas eles não sabem bem mais do quê. Muitos param de ter crias e outros se lançam do penhasco. Inventam-se histórias em caixas com movimentos dentro. Muitos acreditam e vivem vidas que não trazem mais fogo nenhum, apenas entram em filas, de preferência, sentados.

Há uma valorização de grupos que têm olhos diferentes, peles diferentes e, acima de tudo, palavras diferentes. Esses grupos se ofendem e até se matam com fogos externos cada vez mais intensos.

As crias vêm ao mundo lembrando do nada. Mas elas vão se esquecendo, esquecendo de muitas coisas: de como falar sem palavras, de sentir os elementais, até mesmo a vida das pedras é negligenciada. Uma pena, as pedras ensinam tanto, trazem a memória do mundo.

Assim como os animais, que conversam muito, o tempo todo, com todos, inclusive conosco, claro, quando deixamos. A maioria prefere fingir que conversam com aqueles mansos que mordiam, mas apenas monologam com eles.

Passam a maior parte do tempo olhando aquela tela estranha. Preferem conversar por meio dela do que com o toque de corpos. Quão menos os corpos se tocam, mais eles o fazem sozinhos.

Alguns vão morar com as árvores de novo. Uns ficam bem, outros não. Sentem saudade das caixas de metal que andam sozinhas. Sentem saudade de brigarem para escolher um líder e, quando escolhem, odeiam o mesmo líder para o qual brigaram tanto.

Eu começo a incomodar, por não fazer o que os outros fazem. Me machucam. Sou tratado em uma cama que apita. Um deles, mais velho e sério, que não olha para mim em nenhum momento, dá ordens a uma outra que me olha com carinho, quando aguenta. Sinto dor e alívio. Dor e alívio até não sentir muita dor.

Levam-me para um lugar com pessoas muito parecidas comigo, que se identificam mais com o nada. Nós não somos levados a sério pelo mundo. Nos obrigam a tomar aquelas bolinhas coloridas que tornam o nada sem graça. Eu as evito sempre que posso.

A que vem conversar comigo uma vez por semana, começa com ar de superioridade e depois vai amansando e me admirando. Ela se encanta com minhas falas sobre o nada, a ponto de querer colocá-las em um maço de papel e distribuí-lo pelo mundo em troca daquelas folhas.

Muita gente gosta do maço e eu saio daquele local e me metem em uma caverna-de-fora só minha. Eu até me acostumo. Ela vem sempre aqui e faz jogos esquisitos para copular. Ela se incomoda com meu silêncio e pede para eu repetir palavras que ela ouve na caixa com imagens. Eu falo de vez em quando, mas,

segundo ela, é muito pouco. Um dia ela chora muito e nunca mais volta.

Eu começo a falar para muitas pessoas, que se encantam com minhas falas sobre o nada. Mas percebo que muitos outros falam coisas parecidas, apenas de vez em quando inventam certas características para o nada e é nisso, o que menos importa, que os outros se apegam.

Eles constroem uma grande caverna-de-fora para as pessoas me ouvirem. Eu começo a cada vez mais deixar claro que o nada é nada.

Um dia, um que gosta muito de alertar sobre o Fim-do-Mundo, que, na verdade, não tinha nada a ver com o nada que eu falo, mas ele acha que sim. Quando explico na frente de vários outros que se trata de coisas diferentes, ele me difama. O público começa a diminuir à medida que vou sendo mais preciso sobre o nada. Eu digo que o nada se experimenta e tudo-que-existe é o nada se experimentando e isso não deve necessariamente durar para sempre. Com isso, mais e mais vão embora.

O local que fizeram para mim é fechado por eu não ter mais folhas para mantê-lo. Em função disso, me levam novamente, mas para outro lugar, com mais grades e dificuldades maiores para sair de lá.

Fico muito tempo lá; um vem de tempos em tempos me dizer que daqui a pouco eu saio, mas toda vez para ele é “daqui a pouco”. Eu apanho, quase morro, visito o nada e volto. Me tiram de lá e me jogam na rua.

Vem um e me coloca numa caverna-de-fora bem pequena. Me pede para colocar minha história naquelas caixinhas de imagem. Me promete muita coisa, minha história aparece completamente deturpada naquela caixinha e todos acreditam que a história é como a caixinha conta. Dessa vez, muitos me odeiam.

Eles vêm para a minha caverna e ficam gritando pelo lado de fora. Eu espero. Um dia, eles vão embora. Eu vou para a floresta, para uma caverna-de-dentro. De vez em quando um

me acha e pergunta o sentido da vida. Eu falo sobre o nada, eles fingem para si que me entendem e voltam aparentemente felizes, mas sei que dura muito pouco essa suposta felicidade. Outro dia aparece uma que está numa apreensão do nada muito parecida com a minha. Ficamos nos olhando durante dias. É algo prazeroso. Ela se retira, com muita reverência, não exatamente a mim, mas ao nada que eu, de algum modo, “expresso”, por assim dizer.

Os animais, as plantas, os ventos e os elementais são grandes companhias. Fico

muito cansado e sinto o nada me clamando. Durmo e vislumbro o nada. O nada está do mesmo jeito, ou seja, sem jeito nenhum. Emerge a questão se aquelas desdobras e redobras valeram a pena. Eu não sei o sentido disso, apenas é.

Dobro-me. O nada. Não sei se tudo aquilo é ou se o nada inventa. Não importa. Nunca importou. Não estou de volta. Nem mesmo estou. Nada.

Alcova, *boudoir*, toucador: quando a mulher oitocentista resolve com(ex)por a sexualidade

[Ensaio]

No Ocidente, com base em critérios patriarcais, surgiu a dicotomia entre *putas*⁴ e *santas*. Como é sabido, as primeiras servem apenas para diversão masculina; ao passo que as segundas são criadas para serem “rainhas do lar”. Tal estereotipagem seguiu sendo replicada, o que desembocou na escrita libertina francesa, a qual sistematizou as balizas da pornografia na literatura ocidental no século XVIII. Como a sexualidade feminina sempre foi tabu, usar mulheres nos textos lúbricos tornou-se um nicho mercadológico interessante.

Logo, as primeiras “mulheres” que se lançaram no erotismo eram personagens forjadas por mãos masculinas, afinal, apenas as “liberadas” poderiam falar de sexo abertamente. Para exemplificar, temos Fanny Hill – memórias de uma libertina (1748), de Cleland; Margot, história de uma prostituta (1750), de Monbron; Teresa Filósofa (1748), de D’Argens; e As ligações perigosas (1782), de Laclos. Nessas obras, ou as protagonistas são meretrizes ou estão “aprendendo” o ofício com homens que cultivavam a libertinagem. Pela ótica destas, uma “dita” sexualidade feminina ecoou para a sociedade, acirrando ainda mais as demarcações entre o concubinato e a virtuosidade.

Adiante, no século XIX, nasceu a carioca Júlia Valentina da Silveira Lopes de Almeida (1862-1924). Devido a sua educação liberal, aos 19 anos, já escrevia para jornais sobre a emancipação das mulheres e a abolição da Escravidão. Aqui, mencionamos que, no *fin de siècle*, à escrita de autoria feminina, associavam-se temas relativos ao amor, à religião e às donas de casa. Naquele panorama, Júlia foi um exemplo de transgressão.

Dentre a sua enorme obra, destacamos “Memórias de um Leque”, citado na coletânea *Corpo descoberto: contos eróticos brasileiros* (1852-1922), organizada por Moraes (2018). O conto foi publicado originalmente na *Gazeta de Campinas* (sem data), como “História de um Leque”, e no livro *Traços e iluminuras*, em 1887, já como “Memórias de um Leque”. Em relação à antologia, dentre os 53 contos elencados, apenas dois são de autoria feminina, no caso, ambos são de Júlia. Dito de outro modo, em meio a todo o material garimpado por Moraes na imprensa em 70 anos, a única mulher encontrada foi Júlia, fato este que escancara o afastamento das mulheres quanto à arte verbal no Brasil.

O conto traz uma interessante interdiscursividade com os romances *O sofá* (1742), de Fils; e *Autobiografia de uma pulga* (1885), de Rhodes. Em ambos, a narrativa é contada por um sofá e uma pulga.

⁴ Conforme Dottin-Orsini (1996), o fedor atribuído à mulher prostituída ultrapassou a simples repugnância e se tornou responsável pela etimologia da palavra *puta*: *putain* = *celle qui pue*, ou *aquela que fede*, o que denuncia, também, uma “dita” nocividade feminina.

Já na obra brasileira, por um leque. Apesar do reaproveitamento do mote licencioso, notamos uma subversão do cânone quanto à assinatura, o que dá, à Júlia, posição de proa em seu recorte histórico.

Em síntese, o conto traz a vivência de Amélia, que se tornou condessa mediante um casamento arranjado, como era típico nos oitocentos. Um dia, ao encontrar um velho leque, já idosa, ela tenta rememorar o passado. Ao pegar o objeto, adormece. Ao mesmo tempo, o leque *acorda* e volta no tempo em que a mulher ainda era uma moça casadoira, frequentadora dos bailes da Corte e muito galanteada por inúmeros pretendentes.

Na narrativa, desnudamos uma sexualidade pueril, mas que, em ascensão lúbrica, vai delineando os desejos de uma jovem apaixonada. Todavia, em obediência ao decoro da época, o erotismo se dá por meio de um “império da alusão”. Para isso, metaforicamente, a alcova, o *boudoir* e o toucador fazem menção à vulva através da possibilidade de aproximação masculina de um cômodo tão íntimo, ou melhor, de uma parte privada do corpo, o que cria uma atmosfera de negação do resguardo da sexualidade feminina com vistas a sua revelação.

Em paralelo aos aposentos citados, está o leque. De forma sorrateira, todo o conjunto cria uma lubricidade que escorrega pelas linhas do conto. Pela imposição da virgindade às mulheres dos oitocentos, obviamente, um homem não poderia compartilhar de intimidade com uma moça dentro de sua casa, particularmente, em sua camarinha. Por isso, o abanador foi personificado como narrador homodiegético para modular a presença do elemento masculino no quarto da protagonista. Com essa fabulação, o ornamento exime a aristocrata de qualquer culpa pelo seu “atrevimento”, a fim de ludibriar o patriarcado.

Em soma, com seu feitio, o leque alude ao falo e a sua textura faz referência à pele. Para guardar o objeto, Amélia o coloca em um “esquifezinho”, que é forrado com tecido acolchoado de tons rosa avermelhados, o que se traduz na imagem da vulva pela aparência e da vagina pelo formato. Em meio às revelações do ornamento, vislumbramos o seu prazer em roçar a silhueta da condessa, assim como em estar dentro de sua caixa aveludada. Em vários trechos, o leque também deseja “se deitar” na cama em meio às *dobras* das cobertas, fazendo alusão à anatomia feminina e ao ato sexual.

Acerca da “imoralidade” de Amélia, esta irrompe quando ela resolve explicitar, de maneira autônoma, a sua intimidade por meio do detalhamento que faz da sua alcova pela ótica do leque, subterfúgio este que dá liberdade à personagem para que possa contar o que lhe for conveniente. Sobre isso, a moralidade está fortemente associada à política porque ambas estão sob a égide da autoridade, no caso, a patriarcal. Assim, Júlia, reconhecidora e vítima⁵ de armadilhas misóginas, ao personificar um leque para que este pudesse escancarar o erotismo de uma mulher, utiliza a autoridade do sexismo contra ele próprio, sendo este o maior apelo responsivo da obra.

Dessa forma, ao narrar a sua sexualidade *per se*, a mulher deixa de ser a “musa muda” que inspira os homens milenarmente, como visto no filme *Mother!*, para *se escrever*, portanto, a *persona mulher* tem a

⁵ A autora passou por uma grande injustiça em relação à Academia Brasileira de Letras (ABL). Apesar de ter sido fundada em 1897, seu planejamento começou logo após a Proclamação da República, em 1889, por iniciativa de um grupo de intelectuais. Dentre eles, Júlia era a única mulher. Embora tenha tido forte participação no processo de criação da ABL, ela não conseguiu uma cadeira, pois, segundo os membros – todos homens –, não havia mulheres na *Académie Française de Lettres*, que servia de inspiração para a ABL. Como “consolação”, o seu esposo, o português Filinto de Almeida, tornou-se um Imortal da instituição. A ABL seguiu sendo exclusivamente masculina até 1977 quando Rachel de Queiroz assumiu uma posição. Apenas em 1997, depois 120 anos, Júlia foi homenageada como forma de restituir o seu nome de cofundadora da ABL.

sua gênese – finalmente – arquitetada por mãos femininas, fazendo com que a musa passe a ser fônica. Como resultado, ela imprime o seu desejo autonomamente ao texto, em oposição às já citadas “mulheres de papel” criadas pelos homens. Na estamparia dessa volúpia, o “exotismo” da representação explícita de desejos tradicionalmente interditos é confrontado.

Como outro meio de emancipação, encontramos a crítica social que é feita mediante o atrelamento entre o momento histórico vivido no país e o “decaimento” da condessa. A respeito disso, a visão que o leque tem sobre Amélia demonstra conflitos entre a nobreza decadente e a burguesia em ascensão, do Império à República. Desse modo, o conto incita, ainda, a “filosofia da alcova”, comumente encontrada no cânone libertino com quem dialoga em toda a sua extensão para, enfim, ser catártico em relação a ele em virtude de sua assinatura feminina.

No fim da narrativa, com Amélia já idosa, verificamos a “decadência” de sua aparência e de seu estado psicológico em oposição aos seus dias na Corte. Com essa retratação, entrevemos um rechaço do conto que é condizente a um princípio machista: a imposição de um padrão de beleza e de fertilidade, valor este que materializa o etarismo feminino. Na cultura ocidental, na projeção costumaz que é feita da velhice das mulheres, ressaltamos a existência de forte misoginia, a qual é oriunda de uma associação “óbvia” entre idade avançada, feiura, infertilidade e assexualidade. Relativamente a essa questão, Simone de Beauvoir nos diz que, devido à objetificação, a subjetividade desses corpos é anulada.

Após a leitura apresentada, podemos concluir que Júlia trouxe à baila recursos linguísticos avançados para escrever em um meio dominado por homens. A autora, que entrou em uma seara hermética às mulheres, transgrediu a modalidade e se tornou fônica pela sua emancipação, abrindo espaço, *a posteriori*, para que outras escritoras pudessem se expressar eroticamente na Literatura Brasileira, dentre elas, Olga Savary, Cassandra Rios e Hilda Hilst.

Ainda que pagando um alto preço por sua transgressão, a escritora carioca deu vazão, em prosa, a uma rebeldia feminina amordaçada que se choca com a verborragia artificial das libertinas e das prostitutas do cânone forjado pelos homens. Mesmo não tendo sido reconhecida em sua época, hoje, ao olharmos a vivência das mulheres pelas mesmas lentes, descortinamos um *leque* de possibilidades de expressão para a subjetividade feminina e que Júlia, há mais de um século, já descobrira e difundia em seu imorredouro legado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. L. de. *Traços e iluminuras*. Lisboa: Typographia Castro & Irmão, 1887.
- ALMEIDA, J. L. de. *A falência*. Florianópolis: Editora Mulheres e Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- ALMEIDA, J. L. de. Memórias de um leque. In: MORAES, E. R. (org. e prefácio). *O corpo descoberto: contos eróticos brasileiros (1852-1922)*. Recife: Cepe Editora, 2018. p. 67-71.
- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo – a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difel, 1967. Vol. II.
- CLELAND, J. Fanny Hill – memórias de uma libertina. Tradução de Terêncio Figueiroa. Emancipação: Lisboa, 1974.
- D’ARGENS, M. de. Teresa filósofa. Porto Alegre: LP&M, 2015.

DOTTIN-ORSINI, M. A mulher que eles chamavam fatal – textos e imagens da misoginia fin-de-siècle. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FILS, C. de. O sofá. São Paulo: LP&M Pocket, 2011.

LACLOS, P. A. F. C. de. As ligações perigosas. Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Montbron, J. L. F. de. Margot la remendona: historia de una prostituta. Madrid: Libro y Publicaciones Periódicas, 1984.

MORAES, E. R. (org. e prefácio). O corpo descoberto: contos eróticos brasileiros (1852-1922). Recife: Cepe Editora, 2018.

MOTHER! Direção: Darren Aronofsky. 115 min. Estados Unidos da América: Paramount Pictures, 2017. DVD.

RHODES, S. de. Autobiografia de uma pulga. São Paulo: Hedra, 1991.

THIAGO SOBRAL

Leitor clandestino [crônica]

E por que a maioria dos brasileiros não lê

Na semana passada, uma notícia, que para mim parecia óbvia, assustou muita gente: perdemos quase sete milhões de leitores nos últimos quatro anos. Isso colocou a maior parte da população brasileira na condição de não-leitores. Essa constatação suscita muitas perguntas e reflexões, sem dúvida, mas não quero fazer isso aqui. Sou professor de Língua Portuguesa e Literatura há doze anos, e aspirante a escritor, o que, penso eu, me colocaria num lugar privilegiado pra falar sobre a prática da leitura em nosso país. Porém, antes de me tornar professor e de querer ser escritor, me tornei leitor (um dos títulos mais importantes da minha vida) e vocês talvez tenham lido a crônica em que contei essa história (A leitura contra a morte).

Ao chegar no Ensino Médio, no ano de 2003, voltei a estudar na mesma escola da minha infância, que era estadual. O início dos anos dois mil foi período de grande abandono dos prédios escolares públicos e isso era bem evidente onde eu estudava. Havia goteiras no telhado do pátio; nas salas de aula, sempre havia sujeira espalhada pelos próprios alunos mal-educados, e nem sempre havia profissionais de limpeza em número suficiente pra dar conta da bagunça; a ausência de latas de lixo era constante, as paredes sujas, carecendo de pintura, os armários sucateados e que não eram repostos, e por aí vai... A lista seria quilométrica, caso eu tentasse indicar todos os problemas.

Além desses problemas, a falta de professores era frequente. Muitos saíam de licença e não havia substitutos. Então, ficávamos a sós, com o tempo de aprendizagem sendo desperdiçado, ou sendo usado por alguns pra fazer bizarrices. Adolescente sozinho, com tempo ocioso, quase sempre dá ruim. Como eu não gostava dos meus colegas de sala naquele ano, ficava agoniado em permanecer naquele ambiente barulhento. Era uma tortura infinita aguardar a próxima aula em que teríamos a presença de um professor. Também havia um ou outro professor que não dava aula pra valer, apenas entrava e ficava ali sentado, sem propor nenhuma atividade e nem mesmo conversava com a turma.

A minha salvação foi quando descobri que, bem no meio do corredor onde ficavam as salas da administração da escola, havia uma pequena sala de livros desativada. A porta não ficava trancada e era fácil acessá-la, durante o horário de aula, sem ser visto por ninguém. Desse dia em diante, não houve mais tédio ou sofrimento pela falta de um professor ou pelas bizarrices dos meus colegas. Bastava que eu tivesse certeza da aula vaga ou que era o horário do professor "mudo", que eu fugia pra sala de livros, sentava no chão, bem escondido entre a última prateleira e uma pilha de livros largados e começava a foliar os volumes. Me perdia entre tantas obras, de diversos autores, sobre vários temas, de países múltiplos. Me esquecia do tempo, que passava voando.

Foi na biblioteca esquecida que conheci, por exemplo, a série "Para gostar de ler" e li, pela primeira vez, crônicas de Drummond. Conheci Castro Alves e o seu "Navio Negreiro", que me assustou pelos horrores apresentados, mas também me encantou pela perfeição dos versos. Havia uma edição muito bonita "Espumas Flutuantes", que consegui ler quase inteira ali mesmo. Também foi na sala-depósito que encontrei uma edição de Moby Dick e me extasiei com os capítulos iniciais tão bem escritos por Herman Melville (até hoje não terminei essa leitura, mesmo tendo uma belíssima edição em minha estante). Lá também tive meu primeiro contato com a prosa do Romantismo ao ler "Amor de perdição", de Camilo Castelo Branco, e percebi a importância de uma boa narrativa quando se pretende prender o leitor.

Foram tantas as obras que encontrei ali, largadas, que não consigo me recordar de todas. Lembro que, com muita audácia, eu escolhia um livro e o carregava comigo por todo canto, devolvendo-o ao concluir a leitura. Cheguei a começar a organizar os livros do chão nas prateleiras vazias, mas não consegui concluir o trabalho. Passei todo aquele ano frequentando clandestinamente aquela minibiblioteca abandonada e nunca fui capturado ou descoberto. Sem dúvida alguma, essa atividade transgressora foi fundamental pra que eu sobrevivesse àquele ano terrível de abandono escolar. Muito do leitor que sou hoje devo a esse período criminoso. Talvez, se fosse uma biblioteca organizada, com suas regras e prazos, eu não teria desfrutado tanto daqueles livros.

Apesar de haver um romantismo em torno dessa memória, esse fato serve para elucidar com propriedade a notícia desoladora que nos foi dada. A geração que hoje está entre os trinta e quarenta anos é oriunda de um período em que políticos e gestores

abandonavam as escolas e largavam no chão os livros que eram comprados com recurso público. As salas de leitura dos colégios eram abandonadas, se tornando depósito de obras esquecidas. Como cobrar dessas pessoas, ainda mais em tempos de redes sociais e leituras rasas, que leiam livros? E mais, como esperar que essas mesmas pessoas sejam capazes de formar novos leitores e de criar filhos interessados por livros? Seria uma esperança ilusória e infantil.

O problema é grave e o poço é muito mais profundo. Bibliotecas públicas vêm sendo fechadas Brasil afora. Inúmeras livrarias também. Na região em que moro, por exemplo, são pouquíssimas as que se mantêm abertas, concentradas na maior cidade. Nos demais municípios, as livrarias que havia foram fechadas, ou pior, nunca tiveram uma livraria funcionando em seu território. É bem verdade que as lojas *on-line* têm nos salvado e facilitado o acesso de muita gente aos livros. Mas, ainda é pouco. São mais de cem milhões de brasileiros que não leem livros e isso requer um reposicionamento de toda a sociedade.

Nesse meu tempo de professor, tenho encontrado salas de leitura e até mesmo bibliotecas muito bem-cuidadas nas escolas por onde passei e isso me traz um alento sem tamanho. Há notícias esperançosas também, sobre os investimentos federais para compras de livros. Mas, apenas isso não basta. A nostalgia que a minha biblioteca clandestina me causa é a origem de um leitor que poderia não ter existido. Mas, que essas salas, bibliotecas e livrarias nunca deixem de existir! Pois é no livro que está a libertação da nossa visão de mundo; é nas páginas lidas que criamos um outro mundo possível; e é no mundo dos livros que começa a revolução interna de cada um dos futuros revolucionários de um país que ainda lê muito pouco.

Céu de ninguém – um conto do livro *De repente nenhum som*

Aqui, cada minuto dura um tanto mais. Não sei dizer há quanto tempo aconteceu. Para mim, um dia todo. Já o escurecer do céu denuncia que foi apenas há algumas horas.

As pernas não respondem, recusam até os menores movimentos. Não estão dispostas a reconsiderar ou a negociar. São irredutíveis. E eu, irreparável.

A fraqueza dos braços me recorda que os esforços para me sentar também seriam em vão. Meu corpo miúdo está pesado. Moroso.

A velhice humilha.

Essa carcaça já não me pertence. Reuni todas as forças restantes para um grito. Sacrifício dos mais bestas. Ninguém vem em socorro. Choro humilhada. Não queria ser vista assim.

Nunca.

Eram apenas alguns passos até o quintal. Lá pelo sexto ou sétimo, as pernas bambearam. Não quis voltar para dentro. Velho é assim mesmo. Teimoso. Pensei que era passageiro. Uma bobagem qualquer. Dei mais uns passos. Tudo estabilizado. Então, o tombo. O reflexo foi usar as mãos na autodefesa improvisada. Os braços falharam. O nariz foi o primeiro a sofrer o impacto. O estalo fez eco.

Pensei que me levantaria logo em seguida. Tudo que consegui foi me virar. Encarei o céu na busca de um milagre. Há sangue no rosto. O joelho arde. Deus não me escuta.

Já faz tempo.

As nuvens ocupam o meu campo de visão. De repente é como se as olhasse com o olhar infantil de quem deseja enxergar formas no algodão-doce imenso, mas a fuga não se concretiza. Ao menos, elas me protegem do sol. Da ardência. Da luz em abundância. Do rosto vermelho no dia seguinte.

Se é que haverá dia seguinte.

O desespero vai e volta e dá lugar a outros pensamentos e sensações. A mais presente é a de separação. Consciência e corpo agora são independentes. Me vejo assistindo a uma vida que não é minha. Caída no quintal, forçada a observar um céu que já não me contempla. Que já não me pertence. A ardência repentina no joelho é o lembrete de que, sim, o corpo ainda é meu, ainda que não me obedeça e tenha despencado após alguns passos bobos.

Esperar por um socorro que não vem é o eterno retorno de quem aguardava o carinho dos pais ou a resolução de problemas através do mergulho nas páginas de um livro.

Esperar é inútil.

Sempre tive de me virar. Me bastar. Me entender. Sempre tive que me abraçar quando tudo despencou. E agora, que eu mesma despenquei, não vai ser diferente. Não vai me doer menos.

Ruptura é uma palavra que sempre me acompanhou. Mas me separar de mim mesma já é demais. Inconcebível. Incalculável. No máximo, tema de uma poesia qualquer...

Daquelas escritas aos domingos, quando nada mais pede sentido.

Sinto cada vez menos a ardência no joelho. A transição se aproxima do fim. Consciência e corpo divididos de uma vez por todas. Diante de um céu repleto de nuvens, mas sem nenhum

deus. Ainda assim, fecho os olhos em uma última oração. Peço que esses joelhos voltem a ser meus. Que eu tenha força suficiente para um segundo grito de socorro. Ou, ao menos, que não doa tanto.

Ando cansada de tudo isso que me dói.









EVENT RENEW AVANT GUARDE

FELLIPE FERNANDES F. CARDOSO — uma entrevista

REVISTA NAVALHISTA: *Sem mim não há dia* (Urutau, 2023) foi sua estreia. E já na estreia viu seu nome figurar entre os semifinalistas do Prêmio Oceanos. Em sua opinião, o que tem em seu livro que o colocou neste seleto grupo?

FELLIPE FERNANDES F. CARDOSO:

Difícil responder a essa pergunta sem incorrer no risco de colocar critérios ou características que determinem, como se receita, o que leva um livro a uma lista de qualquer prêmio. Não acho, inclusive, que haja uma fórmula. Soube, recente, de um autor que, destrinchando alguns dos critérios que ele pode identificar em muitos dos livros reconhecidos pelo Prêmio Oceanos, escreveu uma história com a finalidade de ser listado e não foi. Prêmios são importantes e trazem um reconhecimento para além do status quo e que é algo comunitário, mas não são a razão pela qual escrevo. Fiquei bastante surpreso de me ver ali entre tantos colegas admirados, entendendo a dimensão da peneira pela qual tinha passado, não por me ver incapaz de estar ali, mas sim pela confirmação de minha capacidade. O prêmio não diz ao leitor que um livro é bom ou não; o que ele deveria dizer é que há nesse livro algo de interessante para aquele júri de seleção no contexto das obras apresentadas e que, eventualmente ganhando, que esse diferencial pode ser explorado. Vejo, por exemplo, o livro da Michéline Verunschik que saiu vencedor da edição em que eu estava. Ele não é melhor ou pior que o meu, mas há nele uma centelha que talvez, no meu texto, brilhou menos à luz dos que estavam ali concorrendo. É como um vagalume: há os que vemos e os que não vemos, e isso significa que, naquele instante, naquela paisagem, a luz de um se destacou.

Literatura não é uma disputa de clareza, mas um jogo de percepções, de sensibilidades. Um prêmio é só um instante capturado, um olhar que se fixou em determinada direção. O que realmente importa é que cada livro continue a brilhar no tempo certo, encontrando seus leitores, acendendo suas próprias fagulhas no escuro.

R. N.: Lorena Borges prefacia o livro. Já na primeira linha ela afirma que "não é um livro fácil de ser lido". Você concorda com ela?

F.F.F.C.: Ler nunca é fácil. Quero dizer, ler de verdade, deixar-se atravessar pelo texto e que a narrativa acabe provocando certo deslocamento de nossas estruturas mentais, emocionais, sociais. O meu livro foi escrito como uma tentativa de exprimir aquilo que existe por detrás das certezas sobre aquilo que sentimos. Não era apenas falar da depressão e suas ramificações, não era somente escrever sobre o desespero, a desintegração. Era tentar alcançar o que há por detrás de cada uma dessas esferas usando um narrador que narra a partir do absurdo. Não me interessa um texto que diga "eu estou triste". O que eu busquei era que havia por detrás do triste, aquilo do qual a linguagem muitas vezes não dá conta. Para isso, precisei tomar algumas decisões, como o uso da própria linguagem como o peso que muitas vezes nos sufoca a partir de suas limitações. Então, sim, eu espero ter feito um livro difícil de ser lido, não pelos motivos torpes, mas sim pela sua potência de provocar desmoronamentos em quem o lê e, quem sabe, ajudar um tanto na reescrita do sujeito leitor na sua relação com a vida. Nesse

ponto, concordo com a Prof^a Dr^a Lorena Borges.

R. N.: Antes de fechar o livro, pude ver que na biografia Felipe Fernandes F. Cardoso é descrito como alguém que “tem fé na literatura”. É verdade? O que você acha que a literatura pode fazer por você?

F.F.F.C.: Fé, para mim, é mais sobre ter esperança do que sobre crença. Ter fé na literatura é compreender a impermanência. Eu às vezes duvido dela, fico meio descrente, mas jamais deixo de confiar que, por ela, eu posso ser mais eu mesmo e menos aquilo que eu invento de mim. Então, sim, é verdade verdadeira. A literatura não faz nada por mim, sou eu que acho jeito de fazer coisas por ela. E enquanto há desejo, há futuro. Quero dizer, tudo isso num aspecto mais reflexivo. No mais prático, além de usá-la para me organizar e me autorregular, é ela que me salva. Muitas vezes senti e ainda sinto vontade de morrer, o que nunca foi uma vontade de me matar. Então olho para a minha estante de livros ainda por ler e penso que seria uma pena tão grande partir sem os ter lido todos. Psicanaliticamente, posso até afirmar que já entendi que sigo comprando livros (e recebendo também os de amigos) para que essa pilha nunca acabe, tamanho é a pulsão de viver e, claro, reviver em cada livro lido. Escrevendo, todos os dias eu anoto ideias sobre as quais posso escrever. Aquilo que publico é mais sobre testamento dessa fé do que a fé em si. A fé está nessa incansável investigação dos mistérios da vida usando da palavra como pá.

R. N.: Imerso em sua escuridão, ou melhor dizendo em seu “kudzu”, o protagonista adota uma postura reflexiva. Da primeira à última página, somos desafiados com suas divagações poético-filosóficas. Não raro, parece que estamos no meio de um diálogo platônico. Dentre os vários temas

trabalhados na narrativa, “Deus” aparece algumas vezes. Seu protagonista afirma: “Eu eliminei Deus da minha vida... Ele, no meu caso, é inútil”. E quanto ao autor, como encara a ideia de Deus?

F.F.F.C.: Duvido sempre querendo muito estar errado. Um cético que vive à espera de um milagre. Lembro-me daquele poema da Orides Fontela que dizia: “Deus existir/ ou não: o mesmo/ escândalo”. Não acredito num Deus indiferente à dor ou que goza com ela. Durante um momento muito difícil da minha vida, o que mais me vinha a cabeça era uma inferência: Deus, existindo, não me deixaria sofrer da forma como estou sofrendo. No caso do meu narrador, Deus seria apenas mais uma pressão, mais uma culpa, mais dor e sofrimento. Quando se está tão desesperado e sufocado por uma depressão, Deus é uma mão que aperta a garganta, o espelho da ingratidão. Ele tem um longo diálogo com a mãe sobre como a crença nos limita a sermos o que, mais do que queremos, o que podemos ser. Com Deus, da forma como é compreendido pelas religiões, especialmente as cristãs, é impossível tirar da felicidade aquilo que, dela, é possível, pois há sempre uma promessa de um êxtase que nunca chega. Tenho minha fé, tenho minhas influências ecumênicas, vejo Deus em miudezas e acho que ele gosta de ser miúdo. Escrevi, inclusive, um livro de poesia que dialoga muito com essa visão que tenho de Deus estar no início e no fim de um poema. Um dia o público, quem sabe, se Deus quiser ou não.

R. N.: Vamos estender a brincadeira para outros temas caros à narrativa. Tal qual o protagonista de *Sem mim não há dia* que gosta de refletir, por vezes até conceituar, daremos uma palavra e logo abaixo você exercitará seu lado verbeteiro:

a) **AMOR:**

O que sobre de mim quando meu reflexo se entorta no outro.

b) DEPRESSÃO:

Um oceano sem superfície.

c) EUTANÁSIA:

Deus a pratica todos os dias.

d) MORTE:

Um direito.

e) VIDA:

Aquilo que vale a pena quando leio e escrevo.

f) LIBERDADE:

Ser escritor e poder me reescrever todos os dias nos meus personagens.

R. N.: Ficamos sabendo que vem livro novo por aí. Dá pra adiantar alguma coisa para quem te acompanha?

F.F.F.C.: Sim! O título é “Uma tragédia latino-sertaneja”, sairá novamente pela Urutau e já está em pré-venda. É um romance sobre homens que foram gerados em solos ácidos, que cresceram como cactos ou árvores de casca grossa, troncos tortuosos, em busca de identidade e sobrevivência. Homens que desejaram, sobretudo, a esperança através do afeto como possibilidade de consciência social e do não apagamento de uma identidade que já existia antes mesmo de que tentassem ser outros a partir de uma estreita ideia sobre o que eram a felicidade e o amor para homens que amavam outros homens. Uma história contada por um

agrônomo mexicano, Ernesto, que, no fim dos anos de 1990, vem expatriado ao Brasil para trabalhar, no interior de Goiás, numa usina de álcool e açúcar, e sua chegada escancara a estrutura colonialista da região, alterando a rota da vida de Miguel, um peão de boiadeiro que, aos fins de semana, trabalha como garoto de programa no bordel “Mão Amiga” e por quem o narrador se apaixona. O estrangeiro, ao entender a dinâmica da sociedade na qual está inserido, vai descortinando amor e ódio, desejo e repulsa, fetiche e gosto pessoal, desigualdade social e econômica, compreendendo que, em essência, são universais os dramas que correm nas veias da América Latina. É uma história sobre covardia e coragem, sobre o que se era antes daquilo que um acaba sendo quando há forças que impõem máscaras sociais que obedecem ao conservadorismo, aos preconceitos, às violências. Quis que Ernesto pudesse se ver tão sertanejo quanto Miguel e que Miguel pudesse se perceber tão latino quanto Ernesto, e para isso formei um triângulo com Zé, um cidadão de bem e defensor de pátria, família e bons costumes, que os conduz à uma série de eventos trágicos, como numa ópera, porém ao som de rancheiras e modas de viola. Preciso dizer, aliás, que assim como minha biografia no primeiro livro diz, eu tinha um sonho, quando adolescente, de ser dono de uma boate de beira de rodovia. Neste livro, o realizei e sou dono agora de um bordel literário.

NAVVA
LH
IS
TA
S

Conceição Rodrigues é poeta, romancista, contista e cronista. Publicou em 2020 *Molhada até os ossos*, livro de poemas; Em 2021, *Os dedos das santas costumam faiscar*, poemas. Publicou em 2023 *E deus não acudiu ninguém*, contos. Todos pela Editora Patuá. É mestre em Estudos da Linguagem, UFRPE. @cecitarodrigues

Catia Cernov - Escritora - poesia e ficção científica. Autodidata, autora independente, edições próprias e também por editoras independentes. Também atua na área de música, composição e atuação em performance poético-musical. Publica em revistas literárias e atua em Encontros Literários de Universidades, Escolas, Centros Culturais, Coletivos e pelas ruas. Com uma escrita de poesia que abrange a narrativa, tecnologia, filosofia, astronomia, cyber-espço, linguagem e mística. Escreve nas estradas, viaja com seus livros entre Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pampas.

catiacerov9@gmail.com / Catia.cernov@instagram

Luara Fontes nasceu em Aracaju, Sergipe, em 31 de outubro de 1996. É graduada em Letras-Português pela Universidade Federal de Sergipe. É mestra em Estudos Literários com foco em Processos Criativos (UFS). É Psicoterapeuta de Orientação Psicanalítica pelo Núcleo Psicanalítico de Aracaju (NPA), revisora de texto, e professora de Literatura e Artes. É também membro temporário do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP). Atualmente, realiza pesquisas com foco nas relações entre Literatura e Psicanálise, Literatura e Cinema, Pornografia e Criação literária.

Artur Fernando nasceu em 2005, na cidade de Aracaju, capital de Sergipe. Ele cursa Relações Internacionais na Universidade Federal de Sergipe (UFS), participa ativamente de projetos de serviço humanitário e de debate competitivo. Atualmente, estagia na Coordenação de Relações Internacionais da Universidade Federal de Sergipe (CORI). Sua paixão pelas palavras inicia-se ainda na infância através de livros e filmes. Aos 16 anos, começou concretamente sua produção de textos, que perdura até a atualidade, evoluindo para uma de suas maiores aspirações e objetivo de vida.

Meu nome é **Adele Catarina**, tenho 19 anos e sou estudante de Relações Internacionais na UFS (Universidade Federal de Sergipe). Sempre gostei de ler e me surpreendia com o impacto que a arte, seja qual for, tinha na minha vida e na vida de outras pessoas. Por isso, comecei a escrever: para que, mesmo não tornando algo público, conseguisse expressar o que acontecia ao meu redor e dentro de mim, além de sensibilizar pessoas ao meu redor.

Lili Tosta (Lívia de Faria Tosta)

Autora do livro *.alma para confundir poesias*, publicado pela Editora Libertinagem em fevereiro de 2025. Criadora forjada pela química das cores naturais e pela paixão de escrever. Mestra em Química pela UNICAMP e Estilista de Moda pelo SENAC. Através de uma escrita visceral e verdadeira, exporro vivências e percepções como mulher em um mundo patriarcal. Aos 36 anos, moro em Paulínia/SP e tenho ateliê no espaço Fêmea Fábrica, em Campinas/SP.

Marcelino Rodrigues Cutrim - Nascido em São Luís do Maranhão, em 1969, licenciado em Letras (Português e Espanhol) e especialista em Alfabetização pela Universidade Federal do Maranhão, e Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. Três filhos, seis irmãos. Professor dos níveis Fundamental e Médio da rede pública. Militante do Pstu. Somos contra o Marco Temporal, contra o genocídio das populações negra e indígena, e todas as formas de opressão (feminicídio, machismo, lgbtfobia, etc.), contra as reformas trabalhista, administrativa e previdenciária, contra o Novo Ensino Médio. Pela Palestina Livre do Rio ao Mar. Pelo fim da escala 6x1. Instagram: @marcelinorodrigues30

Ana Luz (Vitória da Conquista, 1989) estreou com “Poeta em Pânico”, em 2020. Ainda na poesia, em seguida vieram “Fragmentos” (2021) e “Quadras” (2023), vencedor de concurso com chamada nacional. Fundadora do Coletivo de Escritores Conquistenses, diretora da Casa da Cultura de Vitória da Conquista, faz questão de ler e divulgar seus pares nas redes sociais. Pós-graduada em psicanálise, chegou a exercer Direito, mas fincou raízes no campo.

Rodrigo Pinto nasceu em Olinda/PE, em 13 de março de 1976, mas sua geografia sentimental foi toda desenhada no e pelo Recife. É bacharel em Direito e licenciado em Letras, com especialização em Língua e Literatura Inglesa. Escreve e compõe canções desde a adolescência, pois acredita que a vida somente não basta. Participou de diversas coletâneas de contos e poemas. Publicou os livros *Violentamente azul* (poesia/Editora Vacatussa), em 2022, e *O centauro taciturno* (contos/Opera Editorial), em 2024. Trabalha como professor de Inglês e Português no IFPE/Campus Caruaru. Inveja os pescadores, os acendedores de lampiões e os matemáticos.

Ana Márcia Diógenes, cearense, é escritora e jornalista. Tem oito publicações entre poesia, romance, conto e infantojuvenil. A mais recente, o romance *Buraco de dentro*, foi lançado na Flip 2024. Mestre em Políticas Públicas, especialista em Literatura, Artes e Filosofia; Psicologia e Responsabilidade Social. Atuou em jornalismo impresso e na TV, foi Secretária Adjunta da Cultura do Ceará, Coordenadora do Unicef e professora de Jornalismo. Escreve na plataforma O Povo Mais e já publicou nas revistas Contos de Samsara, Cassandra, Minha voz cultural e Desvario. Integra os coletivos Escrevientes, Mulherio das Letras e Lamparinas.

Gustavo Aragão Cardoso – Escritor, poeta, professor de Língua Portuguesa, graduado em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestre em Estudos Literários pelo PPGL-UFS, Doutorando em Estudos Literários, na linha de Criação e Processos Literários pelo PPGL-UFS.

Yorran Montenegro, nascido no interior da Paraíba, poeta, escritor e cientista.

Lucas M. Borges, 19 anos, é um escritor de Goiás, reconhecido como ganhador de três edições do “Concurso Fritz Teixeira de Salles de Poesia”. Suas obras, tanto em prosa quanto em poesia, refletem uma forte influência de autores como Clarice Lispector, Hilda Hilst, Sylvia Plath, Franz Kafka e James Joyce, explorando temas de profundidade hermética e intimismo.

Aliedson Lima é autor dos livros de poesia *Artaud visita Pasárgada* (Editora Urutau, 2024) e *Blues do homem contra o sol* (Editora Urutau, 2023), do romance *A hora do carcará* (Editora ECOA, 2022), e também publicou de forma independente o livro de contos *Sete domingos por semana* (2021). Além de ter participação em mais de uma dezena de antologias regionais, Aliedson Lima é o editor da *Revista Navalhista* (@revistanavalhista).

Amanda Fievet Marques é pesquisadora de pós-doutorado no Depto. de Letras Modernas do IBILCE/UNESP, com financiamento da FAPESP. É doutora e mestra em Teoria e História Literária pela Unicamp.

Christi Rochetô - Nascido em Jardim do Seridó, Rio grande do Norte, Rochetô é escritor, artista plástico, trabalha com produções audiovisuais e é pai de Lucas e Flor. Escreveu *Sombra Fria* (Contos - Editora Patuá - 2020), *Suspiro Desvelado* (Poemas - Caravana G.E. - 2022), *A Máquina dos Pássaros* (Zine - Seloko Edições - 2022) e *Rivustrada* (Poemas - Juriti Edições - 2023)

Nelson Job - escritor, criador do campo conceitual e experimental *transaberes*, psicólogo, doutor pela UFRJ, co-editor da revista interdisciplinar *Cosmos e Contexto* e autor dos livros *Confluências entre magia, filosofia, ciência e arte: a Ontologia Onírica*, *Vórtex: modulações na Unidade Dinâmica*, *Livro na borogodança* e dos romances *Druam* e *Pulsares* (no prelo).

Rosana Pugina - Nascida em uma cidadezinha no interior de São Paulo, Batatais, sempre devorei livros por causa da Emília. Sou feminista radical, viajante, drinkeira e amante de gatas (por aqui, Simone de Beauvoir e Clarice Lispector). Fiz Doutorado em Estudos Literários e, como pesquisadora, trabalho com as manifestações da pornografia na literatura de autoria feminina. Publiquei a minha tese em livro, *Um depoimento sócio-histórico-lítero-pornô*, em 2020, e a plaquete *A escrita da sedução: é possível um donjuanismo feminino?*, em 2024. Participo do Grupo Filhas de Avalon que resgata beletistas e artistas apagadas pelo patriarcado. No Instagram, sou @ro_e_talz.

Me chamo **Thiago Sobral** e sou professor de Língua Portuguesa e Literatura e Escritor. A Literatura e a Leitura são lentes que podemos colocar na própria visão para corrigir nossa miopia e reler o mundo. Assim, busco traduzir em palavras os desejos, os sonhos, as dores e os sentimentos que nos assaltam no dia a dia.

Luiz Reis é pintor e poeta. Autor do livro *Desejos da cidade*, pela Editora Patuá.

Bruno Inácio (@bruno.s.inacio) é jornalista, crítico literário e autor de “Desprazeres existenciais em colapso” (Patuá) e “Desemprego e outras heresias” (Sabiá Livros). É colaborador do Jornal Rascunho e da São Paulo Review e tem textos publicados em veículos como Le Monde Diplomatique, Rolling Stone Brasil

e Estado de Minas. Entrevistou grandes nomes da literatura brasileira contemporânea, entre eles: João Anzanello Carrascoza, Eliana Alves Cruz, João Silvério Trevisan, Raimundo Carrero e Cidinha da Silva. Em 2024 lançou seu terceiro livro, *De repente nenhum som* (Sabiá Livros, 112 págs.)

Fellipe Fernandes F. Cardoso nasceu em Goianésia, Goiás. Criança, já se sentia velho. Formou-se jornalista pela Universidade Federal de Goiás em 2005, especializou-se em cinema, escrita criativa e, depois, em gestão de recursos humanos, área na qual tem MBA pela Fundação Instituto de Administração (FIA). Fez carreira em São Paulo como executivo na área de pessoas com foco em educação corporativa e desenvolvimento humano em multinacionais. Escreve porque a vida é ficção, tem fé na literatura e nas vozes de sua cabeça. Quis ser diretor de cinema, maestro de banda de coreto e dono de boate de rodovia. Vive em São Paulo, dorme mal, mas sonha bem. Tem ilusões de se aposentar para romancear as manhãs ao ouvir passarinhos, aguar as plantas e buscar palavras que tentem explicar o que há por detrás das coisas que pensamos conhecer. Seu primeiro romance, *Sem mim não há dia* (Editora Urutau), foi livro semifinalista do Prêmio Oceanos 2024.

Hey, navalhista,
seja você que escreve,
seja você que nos lê,
nosso
MUITO OBRIGADO!



Revista
NAVALHISTA

Siga nos acompanhando
e ajudando a espalhar o que
há de melhor em nossa literatura
nacional contemporânea:



@revistanavalhista



www.revistaonavalhista.com

Sempre estamos com alguma chamada em aberto!